

DUAS VERSÕES DOS POEMAS DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

THOMAS LA BORIE BURNS*

PSYCHOANALYSIS OF SUGAR

Refined sugar, or sugar from a mill,
 Presents the most unstable of whitenesses:
 A man from Recife knows for sure how much
 And the little of that much that it lasts.
 He knows the least of the little
 That this sugar settles crystals on the sugar
 Atop the old bottom of unrefined brown,
 Of the muddy brown that breaks out;
 And he knows that anything can rupture the least
 Where the refined is liable to censure;
 For this muddy bottom soon emerges
 To stain the sugar in winter or summer.

Only the old methods still purge
 The raw sugar and mud, the mixture;
 The mill no longer purges, but raises it,
 From infancy, not from adulthood;
 In hospital-wards, with vacuum tubes and turbines,
 In the metal hands of industry people,
 The mill brings to sublimation in crystals
 The pale brown of the syrup: doesn't purge, but cures it.
 But as sugar cane is raised yet today,
 In the hands of farming people,
 The muddy brown of pre-infancy soon emerges
 To stain the sugar in winter or summer.

*Professor do Departamento de Letras Germânicas da Faculdade de Letras da UFMG.

PSICANÁLISE DO AÇÚCAR

O açúcar cristal, ou açúcar de usina, mostra a mais instável das brancuras: quem do Recife sabe direito o quanto, e o pouco desse quanto, que ela dura. Sabe o mínimo do pouco que o cristal se estabiliza cristal sobre o açúcar, por cima do fundo antigo, de mascavo, do mascavo barrento que se incubia; e sabe que tudo pode romper o mínimo em que o cristal é capaz de censura: pois o tal fundo mascavo logo aflora quer inverno ou verão mele o açúcar.

Só os bangüês que-ainda purgam ainda o açúcar bruto com barro, de mistura; a usina já não o purga: da infância, não de depois de adulto, ela o educa; em enfermarias, com vácuos e turbinas, em mãos de metal de gente indústria, a usina o leva a sublimar em cristal o pardo do xarope: não o purga, cura. Mas como a cana se cria ainda hoje, em mãos de barro de gente agricultura, o barrento da pré-infância logo aflora quer inverno ou verão mele o açúcar.

RIVERS WITHOUT SPEECH

When a river cuts, what is cut off at once
 Is the speech river of water if forms;
 Once cut, the water shatters
 In pool's of water, in paralytic water.
 In pool condition, the water equals
 A word in dictionary condition:
 Isolated, cut off in the pool of itself,
 And by being cut off stanced;
 And more: by being stanced, mute,
 And mute by having contact with none other
 Since the syntax of that river has been severed,
 The stream of water by which it flowed.

The course of a river, its discourse-river,
 Is rarely resumed at once;
 A river requires many streams of water
 To remake the old stream that made it.
 Except for the grandiloquence of a full language
 Imposing on it another transient one,
 A river requires a lot of water in streams
 So that all the pools become part of the phrasing:
 Recombining, from pool to pool,
 In short phrases, then phrase to phrase,
 To the sentence-river of the only speech
 Where with a voice it may battle the drought.

RIOS SEM DISCURSO

Quando um rio corta, corta-se de vez o discurso-rio de água que ele fazia; cortado, a água se quebra em pedaços, em poços de água, em água parálitica. Em situação de poço, a água equivale a uma palavra em situação dicionária: isolada, estanque no poço dela mesma, e porque assim estanque, estancada; e mais: porque assim estancada, muda, e muda porque com nenhuma comunica, porque cortou-se a sintaxe desse rio, o fio de água por que ele discorria.

O curso de um rio, seu discurso-rio, chega raramente a se reatar de vez; um rio precisa de muito fio de água para refazer o fio antigo que o fez. Salvo a grandiloquência de uma cheia lhe impondo interina outra linguagem, um rio precisa de muita água em fios para que todos os poços se enfrasem: se reatando, de um para outro poço, em frases curtas, então frase e frase, até a sentença-rio do discurso único em que se tem voz a seca ele combate.